

A PRESENÇA DE JOÃO CABRAL NALGUNS POETAS PORTUGUESES

Arnaldo Saraiva

Professor Emérito da Universidade do Porto

asaraiva@letras.up.pt



A poesia de João Cabral não teve só uma recepção calorosa por parte da crítica portuguesa propriamente dita. Ela teve-a também por parte de numerosos poetas, que nas suas produções denunciam leituras cabralinas. Talvez alguns, sem confrontar ou comparar textos, possam ver influências de João Cabral na poesia portuguesa da segunda metade do séc.XX que se vale de certo tipo de quadra conceptual ou de verso curto ou conciso assonantado, de metáforas e de imagens concretas, de motivos da pobreza e da resistência; só que o uso de tais elementos, que na verdade são bem visíveis na poesia cabralina, pode autorizar apenas a referência a coincidências, afinidades e confluências como as que no Brasil e em Portugal já foram vistas em Carlos de Oliveira.

Para evitar esse perigo, limitar-me-ei por agora a apontar poetas ou poemas das últimas décadas – sem pretensão de exaustividade (a minha pesquisa está ainda em aberto) -

¹ Da Esquerda para a Direita: Alexandre O'Neill, Vasco Graça Moura, João Cabral de Melo Neto e Arnaldo Saraiva. Galerias Lumiere Porto, 1985.

que referem explicitamente o nome de João Cabral em título, em dedicatória motivada, ou no corpo textual, e que fazem o elogio do poeta, citam ou imitam claramente versos seus ou o seu estilo, e se valem ou apropriam ostensivamente do seu léxico e de imagens ou metáforas como a da “faca” ou da “seca”.

Alexandre O’Neill, nascido em 1924, quatro anos mais novo que João Cabral (que lhe dedicaria o poema “Catar feijão” de *A Educação pela Pedra*), poeta que integrou o movimento surrealista português, e, como já foi dito, intermediário na edição portuguesa de *Quaderna* e co-responsável na organização da antologia de *Poemas Escolhidos*, escreveu em 17/08/1959 e publicou no seu livro *Abandono Vigiado* (1960) o relativamente longo poema “Saudação a João Cabral de Melo Neto”. Aí, dirigindo-se ao poeta, a quem trata por você, O’Neill começa por dizer que o considera inimitável (embora vá de algum modo imitá-lo) e passa a enumerar qualidades da sua poesia: ela

/.../ incita a ver mais de perto,
com mais atenção e vagar,
o que está como que em aberto,
ainda por vistoriar,
o que vive entre pedra e terra
e o que é entre muro e cal,
o que tem”vocaçã de bagoço”
e o que resiste no osso ou no “aço do osso” mais essencial.

e ocupa-se de “matéria pobre”, trabalhada com “mão que nada encobre” e que não cede a enfeites ou efeitos literários, comprazendo-se num prosaísmo que contrasta com o “estilo doutor” e se distingue do estilo de Neruda: um prosaísmo próximo do de Cesário Verde, Pessoa-Alberto Caeiro e Berceo, um prosaísmo a palo seco, que

é um modo de ser,
mesmo antes do verso,
mesmo fora do verso,
mesmo sem dizer.

A “saudação” termina com a humilde confissão da incapacidade pessoal de imitar esse “modo de ser” ou fazer: *Quanto a mim, ainda o bonito me põe nervoso, o meu canito ainda tem plumas – e lindas! e o meu verso deita-se muito, não sobre a terra, mas em sumaiúmas, já com bastante falta de ar...* O que, conclui, “não é motivo para não o saudar”.

No ano anterior ao da produção deste poema, Sophia Andresen, em casa de quem O’Neill terá conhecido a poesia cabralina, foi encontrar-se em Sevilha com João Cabral, levada por dois amigos de pernambucano, o poeta José Paulo Moreira da Fonseca e sua mulher. Mas Sophia já sabia quem era Cabral: o seu primo Ruben A. Leitão, que era então

funcionário da Embaixada do Brasil em Lisboa, já lhe falara muito no poeta brasileiro com quem em 1950-1952 muito convivera em Londres. João Cabral ofereceu-lhe então o livro *Duas Águas*² e acompanhou-a a uma igreja de Triana onde lhe contou a lenda do Cristo Cachorro ou do Cristo Cigano. Meses depois, em 28 de abril de 1960, Sophia publicou no jornal lisboeta *Encontro* o texto “A poesia de João Cabral de Melo Neto”, um dos poucos textos críticos que escreveu, onde traduzia o fascínio que tinha pela poesia cabralina; e em 1961 publicou um poema narrativo, espécie que os seus seis livros anteriores desconheciam, com o título *O Cristo Cigano*, onde transmutou em verso a “história por João Cabral contada” mas convocando desde o início o estilo ou a dicção poética do amigo brasileiro, que, como já foi referido, lembraria o seu nome num verso do *Auto do Frade* e num poema *A Educação pela Pedra*:

A palavra faca
De uso universal
A tornou tão aguda
O poeta João Cabral
Que agora ela aparece
Azul e afixada
No gume do poema Atravessando a história
Por João Cabral contada.

Reeditado em 1978, o poema reapareceria em 2003 com uma “Dedicatória da terceira edição do Cristo Cigano a João Cabral de Melo Neto” onde em verso a autora começa por anunciar o que pareceria óbvio: que tentara “representar / não apenas o contado”, pois também tentara fazer uso da “peculiar disciplina” que a arte do poeta “verdadeira mestra ensina”, para em seguida fazer em quadras de sotaque cabralino o elogio do poeta imitado³:

Pois é poeta que traz
À tona o que era latente
Poeta que desoculta
A voz do poema imanente
/.../
Mas sua arte não é só
Olhar certo e oficina
E nele como em Cesário
Algo às vezes se alucina

Ainda na década de 60, dois poetas se encarregaram de evidenciar que João Cabral também ecoava na geração dos mais novos, que era a mesma do grupo de “Poesia 61” empenhada numa poética concisa, concreta e num novo metaforismo: Alonso Féria incluiu

² Informação dada no texto citado na nota 2. Mas João Cabral evocou os seus “encontros com Ruben A. Leitão” num texto publicado no *In Memoriam Ruben Andresen Leitão* (Lisboa, IN-CM, 1981, pp 245-6).

³ São numerosos os textos que comparam a poesia dos dois poetas: refiro apenas os nomes dos portugueses Rosa M. Martelo, Pedro Eiras, Maria Andresen Tavares e dos brasileiros Solange Yokozawa, Micheliny Verunschik, Bruno Costa e Silva, Cleonice A. Castro Antunes / Elma S. Siqueira, e Sofia de Sousa Silva.

no seu livro *A Utilidade do Verso /1968/* um poema motivadamente dedicado ao poeta de *Uma Faca só Lâmina* “Lâmina que organiza”: 7 quadras em torno de uma “lâmina que arde / que corta e que escreve”; e Armando da Silva Carvalho, nascido em 1938, incluiu no seu livro de estreia, *Lírica Consumível* (1965), uma “Saudação a Melo Neto”, título a que acrescentou o subtítulo “com golpe baixo em dialéctica”; uma aparente discordância ou censura serve antifrasticamente para reforçar o elogio do poeta, justificando uma e outro: *Não está certo seu poeta ter os limites parados como o pau de uma fronteira pois acho artificial pôr a pedra natural no corpo andante dos gados*

/.../
só lhe peço é dinamite para
colocar nas pedreiras você
faz bem em puxar a rósea
touca das líras rouba a
roupa das mentiras que os
vates põem na boca seu
incessante do seco (mais a
essência do seco) seu rijo e
duro de coisinha (mais
ínfima ou reduzidinha)

Em livro posterior, *Os Ovos de Ouro* (1969), Armando volta a homenagear o poeta, com o poema intitulado “João Cabral”, que, em verso breve e sem qualquer referência evidente à poesia cabralina, sugere o que ela tem de hermético e de penetrante, imitando a sua língua que percorre “frios / canais / do osso”, com “o bê-á-bá / tilintado / contra / o coração”, com “os odores / do tempo / entrando pelo / poço”, com “as coisas / transparentes / na mão / dos olhos”, com uma “acumpunctura / d’alma”.

Jorge de Sena, um ano mais velho do que João Cabral, deixou no seu livro *Sequências* (1980) o *divertimento*, datado de 18 de janeiro de 1970, “Poema sobre o começo do poema de J.C. de Melo Neto chamado poema”. O *incipit* do poema de João Cabral, publicado em *O Engenheiro*, era este: *A tinta e a lápis escrevem-se todos os versos do mundo.*

Jorge de Sena reduziu esses 3 versos a um só, usando, no entanto, pausas ou espaços em branco anormais entre algumas palavras:

A tinta e a lápis escrevem-se todos os versos do mundo

depois entreteve-se ao longo de uma oitava, num jogo de repetições e variações como estas:

escrevem-se / são escritos
todos os versos / quase todos os versos / alguns dos versos /
uns pouquíssimos
À máquina / com sangue (diz-se)

para num verso final comentar: *E consta que já outros foram escritos com outros materiais excretos.*

Manuel Simões, nascido em 1933, e por muitos anos professor de literatura em universidades italianas, incluiu no seu livro *Errâncias* (1998) o poema “A João Cabral de Melo Neto”, onde começa por confessar, tratando o poeta por “tu”:

Gostava
de ter o teu ofício
usar a tua
faca só
lâmina como
bisturi da
palavra

mas logo em seguida declara que um dia tentou escrever à maneira cabralina, sem sucesso:

Estultícia
de aprendiz de poeta:
como ousar
atingir o
nervo exato,
a escrita
liberta do
opaco e do
supérfluo

Manuel Alegre, nascido em 1936, assinalou a morte de João Cabral com um poema em sua “homenagem” – publicado inicialmente no *Jornal do Fundão* de 15/X/1999 –, em que releva o trabalho de construção e desconstrução de João Cabral com a palavra, de modo a

Levá-la ao mais abstrato, para chegar ao concreto
Até ser átomo do átomo já não palavra, mas objeto.

Noutro poema, incluído no livro *Com que Pena – Vinte Poemas para Camões* (1992), depois de lembrar que Camões “Sabia por certo que o poeta é um fabbro”, anota:

(mais tarde Pound diria um
versemaker e João Cabral de Melo Neto –
contra a poesia bissexta e a
teoria da inspiração poria o acento
tónico no fazer e no sentido
profissional da literatura).

Mas no livro *Sônnetos do Obscuro Quê* (1993) inclui o soneto intitulado “João Cabral de Melo Neto”, que termina assim. *Tem do flamenco o canto despojado um sapatear descalço no fablado sem palmas nem guitarras. O poema é sem ornamento nem flor. E tão directo como outro assim não sei se o mundo tem Só mesmo João Cabral de Melo Neto.*

Nascido em 1950, Luís Filipe Castro Mendes fez no seu poema “Memória pessoal” do livro *Lendas da Índia* (2011) uma associação entre a teoria da “revolução” e a poesia “pétrea” de Sophia e de João Cabral:

/.../o ciclópico ato, o dever comunista
inscrito no devir: os seus conceitos
eram duros como a pedra dos poemas
de Sophia ou de Cabral: Marx lido
pelas Grandes Écoles de Paris,
conceitos de rigor impiedosos;

Um dos mais respeitados poetas das últimas gerações, Rui Lage, nascido no Porto em 1975, incluiu no seu livro *Antigo e Moderno* (2002) o poema “Bacilo”, com uma epígrafe de João Cabral, e o poema “*Cessar fogo*” – publicado inicialmente na revista *Águas Furtadas* (nº2, dezembro de 1999) – com a dedicatória “À memória de João Cabral de Melo Neto”; embora se trate nos dois casos de sonetos, forma muito prezada por poetas da geração de João Cabral mas não por ele, ambos se apoiam em imagens concretas – vime, concha, costelas, garganta seca, seixos, areia...; sebes, muros, cancelas, velas, talheres... – no cenário de um “mar que se insurge” ou de uma “cidade aflita”, traduzindo em linguagem substantiva as ideias do que se faz “contra o coração”, da luta e dos latidos que anunciam a perda, o fim ou um falso sossego:

Paz dos homens nada serena
A paz é só o som e a fúria

Rui Lage também elogiou João Cabral em prosa, num artigo intitulado “A morte andando de João Cabral de Melo Neto (1920-1999)”, que terminava com estas palavras: “O seu lugar na história presente e futura da literatura de língua portuguesa é, com toda a certeza, junto a Fernando Pessoa”⁴.

Diga-se a propósito que outros poetas elogiaram João Cabral em prosa, em críticas ou em depoimentos; já lembrei a própria Sophia e poderia lembrar, por exemplo, Eugénio de Andrade, que escreveu palavras calorosas a respeito da representação de *Morte e Vida Severina*, na já referida revista *Plano*, e que num texto sobre poesia brasileira, lido numa sessão para que o convidei da VIII Conferência Ibero-Americana, realizada no Porto em 17-18 de outubro de 1998, deu João Cabral como autor de “versos admiráveis, que admiravelmente resumem toda uma estética”:

tão difícil então de entender quanto
agora se transcendeu em óleos
laurentinos, fosso para encontros
internacionais de malabaristas do
ensino, motivo palestro para pintores
de interior vazios e, sobretudo, para os
do Porto poderem fingir alguns
departamentos literários com um
brasileiro de opereta social, que passa
por poeta enxuto, a chutar opiniões

⁴ *Jornal Universitário do Porto*, janeiro de 2000.

irrelevantes com Cesário e Pessanha a representarem não sei quê.

ou de uma poesia “rente ao chão”, muito “ciosa do concreto”, e comprometida com uma “tradição culta” e uma “tradição popular”. Curiosamente, num livro que em 1968 ganhou o Prémio de Novelística Almeida Garrett, *Os Três Seios de Novélia* (1969), o seu autor, Manuel da Silva Ramos, que de princípio ao fim se entrega leve ou libertinamente à irreverência, à carnavalização e à paródia, incluiu (pp.61-62) este poema (?) que o narrador escreveu “Ao ler «A educação pela pedra» do J. Cabral Melo Neto”:

eu apedrejei o cabral em
são paulo empinei-me
contra ele em são paulo
encurrelei-o num buraco
como um rato puxei-lhe
pelo rabo cortei-lhe o rabo
fiz-lhe trinta por uma linha
até ele dizer com o olho
fora do sítio chega chega
seu empreiteiro tome lá a
pedra construa no areeiro.

Já agora, refiramos que no livro em cuja capa se lê Ruy Cinatti por Joaquim Manuel Magalhães (1986), que é uma antologia por este organizada da poesia daquele, o homem de Peso da Régua “chutou” posfácio, estas sentenças, a propósito da “grandeza” de Pessoa.

João Cabral suscitou poemas de poetas pouco relevantes como Amadeu Torres, José Augusto Seabra e Teresa Rita Lopes, por sinal três professores universitários de literatura (aos quais se poderiam associar ainda outros autores como Luís F.A. Carlos e Hélder Fião).

O primeiro, nascido em 1927, escreveu não por acaso em verso octossilábico, em rima assonante e em 34 quadras um poema em que quis “dar a essência do consagrado vate brasileiro” e sintetizar “quanto possível o conteúdo da poética cabralina”, valendo-se de títulos, de versos e do léxico do pernambucano:

O João Cabral de Melo Neto
É o grande Poeta Brasileiro
Duma educação pela pedra
Compasso e esquadro de engenheiro.

Este poema foi publicado inicialmente em jornal, em 1988, e teve a sua 4^a edição, ampliada, em livro, editado em Braga em 2004 com o título *Acro-Ontobibliografia em Memória de João Cabral de Melo (1920-1999)*.

José Augusto Seabra, nascido como Teresa Rita em 1937, foi autor do poema “Daguerreotipo de João Cabral”. Publicado no jornal *O Comércio do Porto* de 5 de Janeiro de 1985, depois republicado com variantes e com o título ampliado “Daguerreotipo de João Cabral na sua chegada ao Porto” no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 31 de dezembro de 1997,

esse poema faz o elogio da língua cabralina, “cortada à faca, correta”

João Cabral de Melo, Neto da língua de Pernambuco
cortada à faca, correta como a língua portuguesa.
e do idioma perverso que só fabrica o discurso no gume
agudo do verso.

Já Teresa Rita Lopes termina um dos poemas do seu livro *Afetos* (2000) com estes versos confessionais:

Contigo, João Cabral
de Melo Neto, meu padrinho, João Cabral, tenho praticado meu gosto do parco e
do pouco e do íngreme.

Por isso o meu amor pelas cabras
pacientemente aprendido.
Diante de todos os presépios (sempre gostei
de presépios) apetece-me contar e, se possível, cantar a “Vida e Morte Severina”⁵
e chorar com todos os homens
a imensa mágoa de viver e de morrer
mas também o terno milagre de nascer.

Como se vê e intui, só por referências explícitas, João Cabral marcou claramente, a partir de Alexandre O’Neill, a poesia portuguesa, tendo sido homenageado, citado, imitado, glosado e parodiado por muitos e muito importantes poetas de Portugal, como o foi por grandes poetas do Brasil, a começar por Bandeira, Drummond, Vinicius, Murilo Mendes.

Este último, no seu livro *Convergência* (1970), afirmou - num “murilograma” em honra de Manuel Bandeira – que” durante um ciclo de semente & giro” a lírica brasileira “se manuelizou”. Talvez o que ele disse da influência de Bandeira pudesse dizê-lo com mais pertinência da influência do seu amigo João Cabral, a quem também dedicou um “murilograma” (“Sim: não é fácil chamar-se / João Cabral de Melo Neto“).

Mas em face da importância da sua “oficina” poética ou da mestria da sua arte poética, que é o que mais louvam nele os poetas portugueses, em face da repercussão que a sua poesia concreta, concisa, rigorosa, aguda, substancial teve, mesmo quando não explicitada, na produção poética portuguesa, que “infecionou” com sangue novo, também poderemos dizer que a partir de 1959 a lírica portuguesa se cabralizou*.

⁵ Sic.

Arnaldo Saraiva
Professor Emérito da Universidade do Porto
asaraiva@letras.up.pt

Arnaldo Saraiva é professor universitário, investigador científico e literário, ensaísta, cronista e poeta. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutorou-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde exerceu a função de professor de Literatura Brasileira, Literatura Francesa e Literaturas Orais e Marginais. Foi leitor de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara (EUA), e professor convidado da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle).